

BRASÍLIA, 9 DE ABRIL DE 1970 — ANO X — NÚMERO 479 — NCR\$ 2,50

Ag. 24

fatos e fotos



Beto Rockfeller:
"Porque me separei
de minha mulher"
Nasceu a nova seleção

Chico Buarque:
A evasão dos músicos
**Em cores: As jovens
estrêlas da tv**



Porque nossos músicos vão embora

Gilberto Gil e Caetano Veloso tentam fazer pegar o tropicalismo em Londres. João Gilberto e Sérgio Mendes lançaram a velha

bossa nova na América e deu certo. Agora, Chico Buarque volta ao Brasil mas já está preparando as malas para continuar sua carreira na Itália. Enquanto Chico, no Rio, revendo seu Fluminense, seu chope e seus amigos, explica porque ficou tanto tempo lá fora, outros cantores e compositores estão na atual leva para o exterior, Europa ou EUA. É a maior evasão já sofrida pela música popular brasileira.

Chico Buarque:

"A vida lá fora não é sopa não"



— Voltei ao Rio porque não fui para a Itália para ficar para sempre, ora bolas. Afinal de contas, moro no Rio, aqui é o meu lugar.

Chico Buarque de Holanda, na sua primeira semana de volta ao Brasil, não teve descanso. Ele, a mulher Marieta, a filha Sílvia e a babá Margherita vivem cercados por produtores, diretores de tevê, técnicos de som e vídeo-tape, câmaras, fios, luzes e microfones, repórteres, fotógrafos, colunistas.

— Você sabe como é, Vina — confessa ao compadre Vinicius de Moraes —, ainda não tive tempo para nada desde que cheguei ao Rio. Estou metido num programa de tevê que, parece, não vai acabar nunca.

Por Chico, ele nunca teria ido para a Europa, se imaginasse o tempo que ia ficar por lá. Mas agora está comprometido e terá de voltar à Itália, durante três meses em cada um dos quatro próximos anos. Chico pensou em vir agora ao Brasil para compor, ir à praia, jogar botão, futebol e vôlei com os amigos, papear com Vinicius, Tom e o resto da turma. No meio tempo, fazer um show na boate Sucata e gravar um novo disco.

— A vida fora do meio não é sopa não. Essa história de se dizer que a Itália é que nem o Brasil e que o romano é igual ao carioca é papo furado. A gente tem de reconhecer que os errados, lá, somos nós. Fora, somos estrangeiros mesmo, por mais que não se queira.

Em Roma, entretanto, Chico levou como pôde a sua vidinha tranqüila de Rio, inclusive sem aquilo que ele, de gozação, chama de "a vida social intensa das colunas de mexericos". Mas foi obrigado a trabalhar muito, num esquema que não o satisfaz.

— Me sentia como peça de uma enorme máquina, onde a criatividade e o talento do artista pouco contavam, diante dos interesses comerciais e industriais. Naquela enorme fábrica de discos, até os diretores eram seres estranhos, quase personagens de um filme de mistério.

Nisso tudo, Sílvia, a sua filha, foi "a silveira, silveirinha, gorduchinha do meu coração". Para ela e para Marieta Severo, sua mulher, Chico fez uma das suas mais bonitas canções, *Mulher, Vou Dizer Quanto Te Amo*. Dessa fase em Roma, Chico trouxe *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro*, um samba-resposta ao amigo rubro-negro que tentou fazer Sílvia deixar de ser tricolor ("Um escândalo, cantar nenen de colo para virar casaca", diz o pai). Compôs ainda, *Agora Falando dos Ventos*, *Samba e*

Amor, Pois É, Rosa dos Ventos, Essa Môça Tá Diferente e Cara a Cara.

— A história de *Cara a Cara* é engraçada. As versões em italiano e iugoslavo não se parecem nada com o original em português. Em italiano, o sentido de *frente a frente* foi trocado para o de *custo de vida*; em iugoslavo, acharam que o sentido era o do italiano *querida, querida*, o que acabou causando uma confusão danada no festival de música de Spalato.

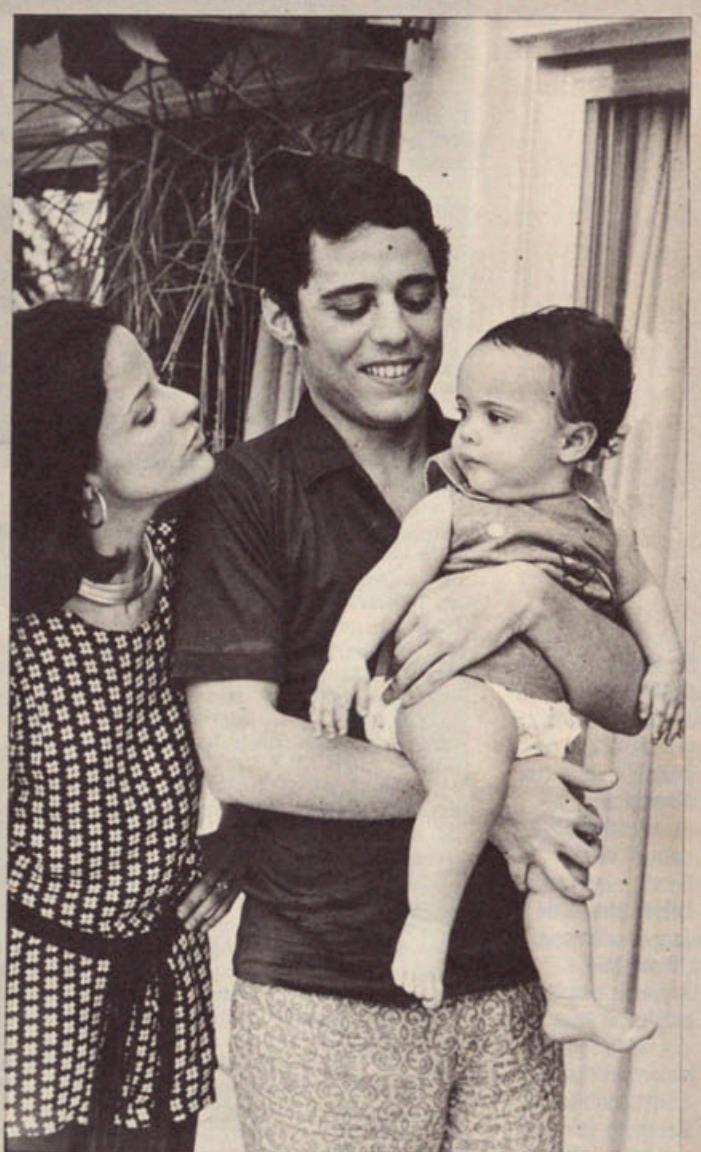
Nos poucos momentos que tem tido para conversar sem compromissos, o assunto preferido de Chico é o futebol — mais precisamente o seu Fluminense (que mandou emissário oficial lhe dar as boas-vindas em nome do clube), a seleção brasileira e a diferença entre o tipo de jogo daqui e o da Europa, o dos italianos em particular. Assistindo à partida entre o Brasil e o Chile, Chico desabafou ao dizer que "essa defesa se topar com a linha da Itália, levará um banho de bola".

— Pelo pouco que já vi, o nosso futebol está muito lento, ninguém combate o adversário. Por mais talento que a gente tenha, futebol-arte não vai dar para o gasto lá no México. Tenho a impressão de que só me senti mesmo no Brasil quando vi a seleção jogar. O futebol que conheci e apreciei, durante um ano e meio, só se parece com o daqui no fato de haverem 22 sujeitos correndo atrás de uma bola.

Na Itália, Chico torcia pelo Fiorentina. O seu craque predileto era Riva, do Cagliari e da seleção, "um cara que, se não fôr o artilheiro da Copa, dará muito trabalho aos beques inimigos". Na seleção brasileira, Chico continua vibrando com Pelé, Tostão, Gérson e Marco Antônio ("um cracão, um cracão"). Se dos outros não tem muita queixa, no time, como conjunto, Chico só fará fé no dia em que o vir jogar na base da sanfona, o sistema moderno do "jogar e não deixar os outros jogarem".

No momento, tirando os seus compromissos com a tevê e os ensaios com o MPB-4 para o show, ele tenta organizar um campeonato de futebol de botões, com regras severas e que terá Chico Anísio como principal adversário. O time de Chico se chama Politheama ("um nome que vem a calhar, pois é mesmo de muito espetáculo") e o seu treinador só tem um problema sério: "Meus jogadores são dados à bebida e há também alguns casos de viciados em tóxicos."

Reportagem e Fotos de Carlos Leonam



Para sua mulher Marieta e sua filha Sílvia, Chico Buarque compôs na Europa *Mulher, Vou Dizer Quanto Te Amo*. Mas seu maior êxito romano foi *Cara a Cara*.



Jorge Ben: "Porque vou"

É, em maio ou junho devo partir para uma temporada na Europa. Quando estive nos EUA não tive problemas, mas sei que a maioria dos músicos e cantores que chegam lá encontram certa dificuldade, passando até seis meses para conseguir a carteira do Sindicato dos Músicos de lá, e botar em ordem a sua documentação de trabalho para poder começar a tocar ou cantar.

Acho que a explicação desta debandada dos músicos brasileiros para o exterior deve-se à vontade que eles têm de expandir a sua música. Como deu certo com o Sérgio Mendes eles partem para ver se também dão sorte.

A música popular brasileira anda meio por baixo. Parte da culpa cabe aos próprios compositores que relaxaram e passaram a fazer um tipo de música pensando mais em seu gosto do que no do público.

O iê-iê tomou conta por causa do seu ritmo e melodia fáceis. A maioria dos caras que vão às boates não entendem o que os cantores americanos cantam nos discos ou fitas, mas dançam, se sacodem e saem satisfeitos com o que ouviram.

Eu procuro fazer um tipo de música fácil de ser lembrado e com uma letra que não seja difícil de ser cantada por uma criança de cinco anos ou um velho de 70. Acho que meu estilo casou bem com o da Jovem Guarda e o da Tropicália.

Geralmente componho só, mas tenho músicas de parceria com o Toquinho (*Que Maravilha, Carolina Carol Bela e Zana*) sem falar em umas oito que estão em fase de acabamento. Quando estive na Itália recentemente, em conversa com o Chico ficou de pé a possibilidade de fazermos parceria.

O Charles Anjo 45 realmente existe, é um amigo meu de infância. A história dele está na letra da música. Conselho a um jovem compositor que esteja começando? Não tentar furar panelinhas, passar à sua volta. Quando comecei havia uma panelinha que não era mole. Agora não sei.

Acho que o saldo dos festivais é positivo. Mas eu não dou muita sorte com eles. Várias vezes fiquei entre os finalistas mas não fui classificado. Pretendo entrar no próximo. Vamos ver no que dá.

Eu toco violão do meu jeito. Minha maneira de pegar as cordas era e é diferente — com o polegar e o indicador. Talvez esta seja a origem de minha batida diferente quando toco samba. Aprendi sozinho, mas procuro aprimorar o ritmo cada vez mais, que graças a Deus tenho muito. Atualmente estou aprendendo a tocar flauta e, como todos sabem, também sou bom no apito.

Dizem que eu sou dono de um ritmo afro-brasileiro, que alguns preferem chamar de samba baiano. Comecei a cantar e compor em 64 e tive a boa sorte de pegar a onda dos baianos Caetano e Gil. Já fui à América fazer uma série de apresentações nas universidades americanas. E no começo deste ano no Midem. Daí a dizer que me sinto satisfeito há uma grande diferença. Vou para a Europa sabendo que a coisa lá não é mole. Aquela história de carteirinhas e tudo o mais. Mas podem ficar certos: mesmo que a turma de lá não entenda patavina do meu samba, jamais vou mudar de estilo. Acho que música brasileira tem que ser brasileira, aqui ou na China.

Milton: "Porque não fui"

Se dependesse apenas da minha vontade, já estaria trabalhando nos Estados Unidos. Infelizmente o meu empresário americano não conseguiu quebrar os galhos e por isto ainda estou no Brasil. Agora vou mudar meu rumo, pois não adianta fazer música de boa qualidade para se viver, se não se tiver um bom esquema promocional que nos ampare.

Cred Taylor, produtor da AM Records — fábrica que grava Sérgio Mendes — me ofereceu um contrato de pelo menos um ano, quando estive o ano passado nos Estados Unidos, onde cheguei até a gravar um *long-play*. Recentemente recebi uma carta do produtor na qual dizia que, por circunstâncias locais, o contrato que me havia oferecido teria que ser adiado, pois no momento não seria oportuno meu lançamento. Mesmo que quisesse viajar sem o tal contrato, não conseguiria, diante da rigidez das leis americanas no que toca aos imigrantes: quem não conseguir o *green-card* — espécie de carteira modelo 19 em nosso país — não conseguirá trabalhar. Diante de tais dificuldades, achei mais prudente aguardar um pronunciamento de Cred Taylor, pois a idéia da viagem não foi de todo abandonada.

O que me levou a pensar em me transferir para os Estados Unidos? Não foi o que muita gente pensa, explorar apenas o sucesso artístico, mas sim, fazer um trabalho de pesquisa, principalmente junto aos músicos americanos: minha música sempre teve muitas raízes do jazz, ritmo do qual sempre fui um apaixonado.

Caetano e Gil estão na dêtes e estão muito certos. A única coisa que tamento é não os ter conseguido como meus parceiros, pois são sem dúvida alguma os dois melhores letristas da música brasileira.

Os compositores jovens estão querendo inovar demais, totalmente desorientados, estão mais ou menos naquela de que ouviram o galo cantar, mas estão procurando o lado de onde veio o canto. Não é nada disso, música também se aprende compondo, e o compositor jovem sem se amadurecer musicalmente, jamais poderá sair fazendo música em que necessita pesquisar. Alguns inclusive têm talento e acabam se queimando. Ficam naquela de alguns escritores que querem dizer muito e acabam não dizendo nada.

Enquanto não mudarem a mentalidade na organização dos festivais, eu não entro. Quando eu era um ilustre desconhecido, meu caso era aparecer. Não tinha nada a perder, podia me expor a certas aventuras. Agora que já tenho um conceito musical firmado, não vou entrar em festival para ser vaiado, até ridicularizado como já aconteceu a diversos cantores. Aliás, o público que comparece aos festivais não tem o menor interesse por música. São como verdadeiros passionais que comparecem aos estádios de futebol para torcer por seus clubes favoritos. Quando mudarem a organização para os moldes internacionais, onde festival é uma mostra, não entrando em competição as músicas e os intérpretes, daí em diante o público me verá de novo. No momento os meus espetáculos só serão em teatro, pois sei que quem comparece é interessado em música e não aquele público que comparece ao Maracanãzinho.

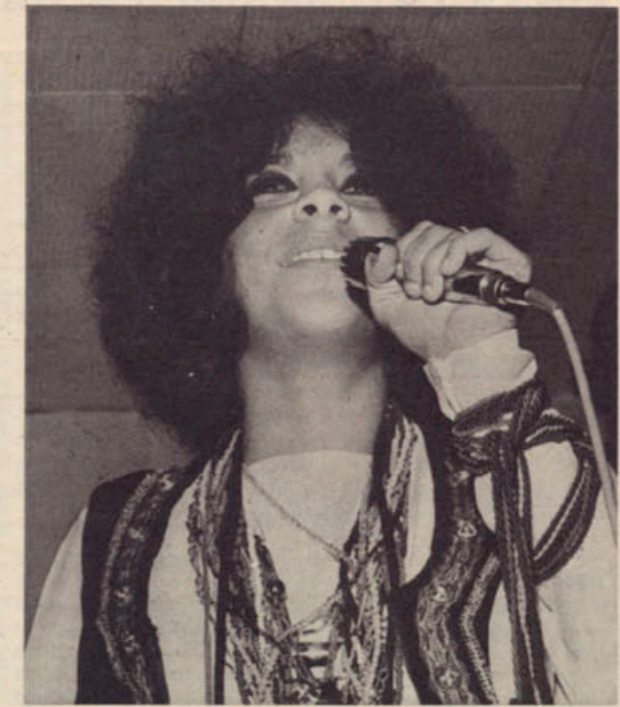
Milton Nascimento (abaixo) está ensaiando seu novo show no Teatro Opinião do Rio, Quanto Tempo, com texto de João das Neves e acompanhamento do conjunto Som Imaginário. Enquanto isso, o autor de Travessia e Morro Velho avisa: "Vou montar um grande esquema para me promover para que o grande público passe a me conhecer, o que até agora não conseguí."

A Europa sofre o impacto exótico dos trópicos

A América já tinha sido conquistada pela música popular brasileira quando começou a invasão da Europa. Atualmente, é maior até o número de nossos cantores e compositores que estão em Roma, Londres, Paris, do que os radicados em Los Angeles ou Nova Iorque. Motivo principal dessa preferência na opinião geral, é a melhor abertura criadora: o mercado americano, alegam os jovens músicos, está ainda preso às velhas concepções harmônicas e rítmicas da bossa nova, enquanto a Europa tem campo fértil para as pesquisas de novos sons. Por isso é que Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Vandré, Elis Regina, Jorge Ben e Eliana Pittman escolheram o outro lado do Atlântico. Alguns para ficar, outros para apresentações em festivais ou turnês de curta duração.

Dos brasileiros na Europa, Caetano e Gil foram os que maiores novidades tinham a testar no mercado, com o seu tropicalismo que, à primeira vista, só seria plenamente aceito pelo público brasileiro. Os dois estão em Londres desde o ano passado, e continuam defendendo a tese de que a valorização da nossa música está dentro do nosso próprio meio e nas coisas brasileiras — entendendo o tropicalismo como uma versão dos anos 70 do movimento modernista de 1922. Na Europa, Caetano e Gil só fizeram até agora duas apresentações, uma na tevê portuguesa, com o comico Raul Solnado, a outra recentemente, no Royal Festival Hall, ao lado de Sérgio Mendes. Estão compondo de parceria a trilha sonora do filme congolês de Gláuber Rocha, *O Leão de Sete Cabeças*.

Enquanto Vandré, depois de participar do festival da Argélia, compõe em Paris a trilha sonora do filme *Où Est Jacques?*, Egberto Gismonti, o autor de *O Sonho* e *O Mercador de Serpentes*, acompanha a atriz Marie Laforêt como seu arranjador e solista exclusivo. Na Alemanha, Eliana Pittman faz uma temporada em ritmo de samba-jazz. Como Eliana, a maioria dos artistas têm ido à Europa em migrações temporárias. O caso de Elis Regina, que obteve a consagração no Olympia de Paris, em 68, e o de Simonal, atração do último festival do MIDEM e que aproveitou a viagem para apresentações na tevê francesa, em Milão e em Portugal, devendo voltar à França este ano para outra turnê. O caso de Jorge Ben, o maior sucesso do MIDEM-69, e o de Rosinha de Valença, que em 68 saiu do Brasil para se apresentar na Rússia, Israel, Japão e EUA e se prepara para ir a Londres este ano. Elza Soares, também sem intenção de ficar, se exhibe na Itália e Roberto Carlos quer voltar ao próximo Festival de San Remo (onde saiu vitorioso em 68). Mas há também um caso como o da cantora Tuca: ela assinou contrato de cinco anos com empresários europeus e durante esse tempo todo não poderá voltar. Tuca já se exibiu no Olympia de Madri e no Casino Estoril, em Lisboa, e foi chamada por um jornalista português de *antivedete* cujo forte são as *baladas medievais*. A verdade é que, embora mal compreendidos, os artistas brasileiros não resistem mais à tentação européia e como diz Chico Buarque, só voltam mesmo do Velho Mundo quando a saudade é grande demais.



Gal Costa (acima, à esquerda) acompanha Caetano e Gil em Londres. Nara Leão e Tuca (à esquerda) tentam respectivamente a França e Portugal. Elza Soares (abaixo), com Seu Mané e tudo, lança o samba da mulata na Itália. O problema, para os observadores, não está em fazer um sucesso isolado na Europa, mas sim em se firmar diante do público de uma vez por todas.

No Midem deste ano, Jorge Ben foi a grande sensação. Abaixo, com o trio Mocotó, que o acompanhou, e o editor Eddy Barclay, que vai lançar elepês de Jorge na Europa. Ben está se preparando para tentar também a Europa e explica a eF porque topou também essa parada.



Em 1962 começou a grande conquista da América

Os discos de Sérgio Mendes e seu Brasil 66, Walter Wanderley, Tom Jobim, Astrud Gilberto flutuam no *hit-parade* norte-americano todas as semanas, segundo estatísticas da revista especializada *Cash Box*. Eles representam, entre outros cantores, compositores e até arranjadores, o tipo de som que os americanos consideram o máximo em matéria de ritmo, balanço e bossa. Na América também estão hoje o regente e orquestrador Eumir Deodato, Edu Lôbo, João Gilberto, Gracinha Leporace, Laurindo de Almeida, e o acordeonista Sivuca. À exceção do violonista Laurindo — nos EUA desde os tempos de Carmem Miranda — todos eles rumaram para os *states* depois que a bossa nova, na época em que esse movimento estava no auge, teve uma apresentação de gala no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Desde aquele concerto, em novembro de 1962, até hoje, a música popular brasileira não só conseguiu invadir o mercado americano como também, dizem os críticos, veio a influenciar toda uma corrente de compositores e arranjadores de lá, como Stan Getz, Burt Bacharach, Lalo Schifrin, Neal Hefti.

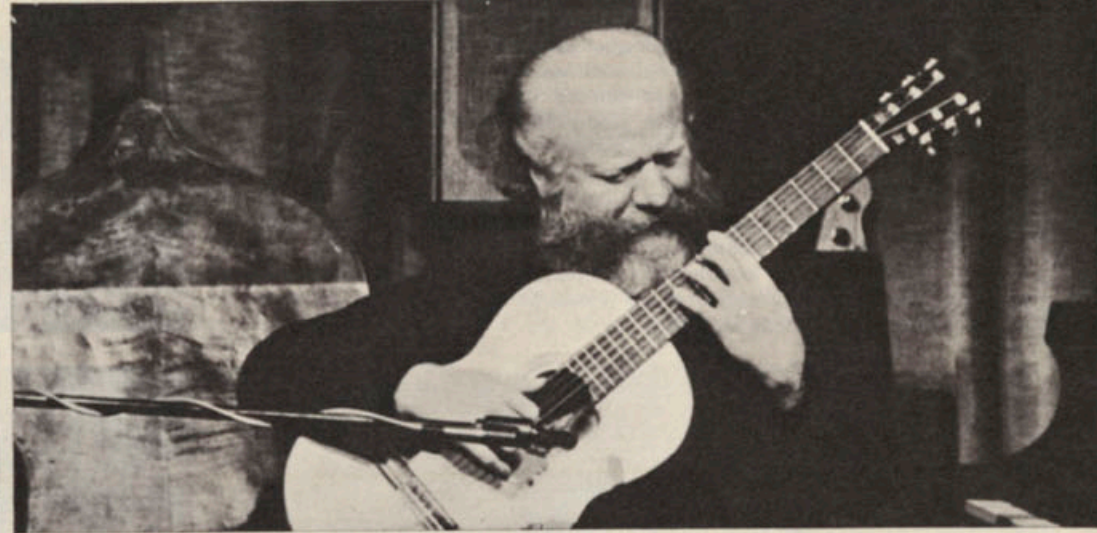
Depois do Carnegie Hall, foi o encontro de Tom Jobim com Frank Sinatra, em 1967, no momento em que Sérgio Mendes — o brasileiro que aprendeu piano num conservatório de Niterói — se projetava nas paradas de sucesso. Na verdade, Sérgio foi o único artista brasileiro que correu o risco de ficar nos EUA depois do concerto no Carnegie Hall. É que, em 1962, o público americano não recebeu bem a bossa nova, chegando alguns observadores a considerar aquele *show* nova-iorquino "um golpe de morte" no movimento. Mas enquanto os outros voltavam desanimados, Sérgio foi ficando. Formou um conjunto com Vanda Sá e Rosinha de Valença em 1965 e, no ano seguinte, fundou o Brasil 66, que em pouco tempo fez de Sérgio dono de um prédio em Los Angeles e de duas editoras musicais e um artista muito caro (ele cobra hoje 30 mil dólares por *show*). Pela mesma época surgiam os nomes de João e Astrud Gilberto. "Ele ajustou a sua arte de tal maneira que quem o ouve é embalado por um efeito hipnótico", disse o crítico do *New York Times* sobre João, o papa

da bossa nova. Ligado a Stan Getz, com quem produziu inúmeros elepês, ele hoje vê com desconfiança a evasão dos músicos brasileiros e acha que os novos compositores brasileiros "andam mais preocupados em arranjar sons novos do que em aperfeiçoar os que já existem", o que é um erro, a seu ver. Astrud, a garôta de Ipanema (como ficou conhecida nos EUA), ex-mulher de João, consagrou-se no III Festival de Jazz de Paris e agora trabalha na tevê americana e grava elepês. Está melhor de vida do que ninguém: casou-se com Nick Lasorsa, dono de uma cadeia de bares e restaurantes.

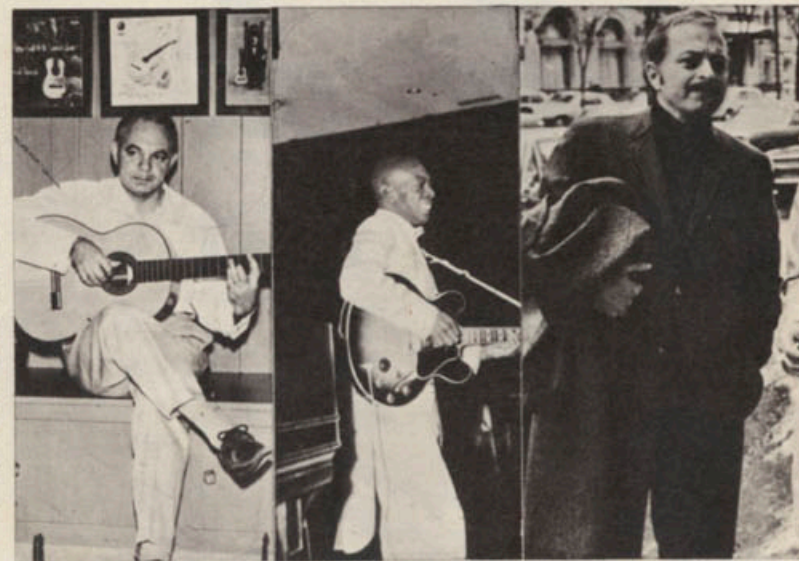
Outro que lutou para vencer na América foi Eumir Deodato, orquestrador (é seu o arranjo de *Travessia*, versão de Milton Nascimento). Formado na primeira turma da bossa nova, tentou a sorte nos EUA embarcando em 1967 com 500 dólares no bolso. Conseguiu arranjar o disco que Tom gravou com Sinatra e isso lhe abriu as portas de Hollywood: a United Artists contratou-o para orquestrar trilhas sonoras. O mesmo ideal está sendo perseguido por Edu Lôbo, que foi morar em Los Angeles (onde também está Francis Hime), a fim de estudar música a sério e se apresentar de vez em quando na televisão. Quer compor para cinema.

Os últimos a fazer sucesso no cenário americano nem sempre são os mais jovens. Agora vem o nome de Sivuca a ser citado pelo *Time* como "o albino brasileiro", com foto e tudo. O antigo acordeonista da tevê carioca reapareceu em estilo de profeta *hippie* ao lado da cantora negra Miriam Makeba, de quem é acompanhador exclusivo. Bola Sete é outro veterano que conseguiu uma nova carreira depois de ser eleito pela revista *Playboy* "uma das maiores atrações" do Festival de Jazz de Monterey, em 1968. Mas o precursor de toda essa onda foi mesmo Laurindo de Almeida, concertista de violão, que chegou nos EUA em 1951, participou de concertos ao lado de Louis Armstrong, Ella Fitzgerald e grupos de jazz e há dez anos já era apontado pelos críticos americanos como um dos maiores violonistas do mundo. Laurindo viu chegarem um a um os seus colegas brasileiros: "Eles precisam lutar muito para vencer aqui. A maré está de seu lado, mas, se não forem hábeis como Sérgio Mendes, há um grande perigo de naufrágio."

Astrud Gilberto (abaixo) começou com a orquestra de Stan Getz e seu ex-marido João Gilberto. A gravação da canção de Tom e Vinícius tornou Astrud conhecida em toda a América como *The Girl From Ipanema*.



O violão fez o sucesso dos três à direita: Laurindo de Almeida, que foi para a América com Carmem Miranda e já tocou até com o Modern Jazz Quartet; Bola Sete, que fez parte da orquestra de Dizzy Gillespie e hoje tem seu próprio conjunto; Luís Bonfá, compõe trilhas sonoras. Isso sem contar João Gilberto, que é considerado o papa da bossa nova.



O paraibano e albino Sivuca (abaixo) começou tocando acordeão no Recife, em 1964 foi para os EUA como acompanhante de Carmen Costa e atualmente toca para Miriam Makeba. Fez até um musical na Broadway: *Joy* (Alegria).

Hollywood e Broadway: as maiores tentações



Perí Ribeiro (acima, à direita) está no México, o arranjador Eumir Deodato (à direita) faz trilhas sonoras em Hollywood, Tom (abaixo, com Sinatra) já tem nome firmado: só Garôta de Ipanema foi gravada 65 vezes.

Há seis anos que Sérgio Mendes (abaixo com a mulher) tentou a sorte em Los Angeles. Hoje, é milionário. No mesmo rumo vai Edu Lôbo (à esquerda), que está na Califórnia estudando música para compor para filmes.

